



# Cimeira de Cancún dependente do Protocolo de Quioto

Ricardo Garcia

Conferência climática da ONU termina hoje com um possível pacote de decisões parcelares dependentes de acordos de princípios em temas centrais

● Um acordo sobre o futuro do Protocolo de Quioto é decisivo para que a conferência climática da ONU que termina hoje em Cancún não resulte em fracasso. Cancún poderá adotar um pacote de decisões parcelares para o combate ao aquecimento global - como o controlo da desflorestação, o financiamento aos países pobres e a transferência de tecnologia. Mas tudo está dependente de um entendimento sobre o que fazer de Quioto, um tratado que obriga os países desenvolvidos a reduzirem as suas emissões de CO2 até 2012.

Um texto em discussão desde quarta-feira propõe duas alternativas para o protocolo: ou se decide já um segundo período de cumprimento, ou se delibera que isto ocorrerá quando houver um novo acordo mais abrangente, envolvendo também os Estados Unidos - que não ratificaram Quioto - e também outros grandes poluidores, como a China e a Índia.

Em aberto estavam, ontem, novas metas de Quioto para os países desenvolvidos e o próprio prazo para as cumprir - 2017 ou 2020.



Jovens alertam, em Cancún, para os riscos do aquecimento global

As nações em desenvolvimento não abdicam de Quioto. Mas outros, como o Japão, o Canadá e a Rússia, recusam-se a prorrogá-lo enquanto não houver um tratado mais global - que nos planos das Nações Unidas deveria ter sido adoptado na sua última cimeira climática, há um ano, em Copenhaga. A cimeira, porém, fa-

lhou, dela resultando um mero acordo não vinculativo, proposto por Estados Unidos, China e outros países, com metas apenas voluntárias para o controlo das emissões de CO2.

A forma de verter estes compromissos por ora não-vinculativos para um texto formal da ONU constitui um dos obstáculos centrais a transpor em

Cancún. Ontem, decorriam reuniões paralelas entre ministros, para tentar desbloquear os principais pontos.

Mesmo sem metas concretas, a esperança é a de que alguns princípios fiquem assentes, facilitando a adopção de um novo tratado numa das próximas cimeiras climáticas, na África do Sul (2011) ou no Brasil (2012).

“Mesmo nas questões mais difíceis, penso que irá sair uma posição não definitiva mas preparada para que se chegue a um acordo em Durban”, disse a eurodeputada Maria da Graça Carvalho, que integra a delegação do Parlamento Europeu a Cancún.

Alguns países em desenvolvimento defendem um limite até ao final de 2011 - prazo que muitos, incluindo os Estados Unidos e a China, consideram inexequível.

Em aberto está também a forma de verificação dos esforços dos países em desenvolvimento para conter o aumento das suas emissões.

Em algumas áreas, porém, houve progressos significativos. Antecipa-se como possível um acordo sobre um mecanismo de compensação financeira para conter a desflorestação nos países pobres. Também poderá haver fumo branco quanto aos contornos de um “fundo verde” para que o mundo em desenvolvimento enfrente os desafios das alterações climáticas.

Mas tudo mantinha-se ontem dependente de temas mais centrais, em particular Quioto. “O resultado é ainda muito incerto”, disse à Reuters o ministro indiano do Ambiente, Jairam Ramesh.

A deputada Heloísa Apolónia, do partido “Os Verdes”, classifica já Cancún como um fracasso. “Não serviu para nada, para absolutamente nada, e já se está a adiar para o ano qualquer solução de combate às alterações climáticas”, disse ontem, numa intervenção no Parlamento.